

Em apenas três minutos: O slam e a literatura afrofeminina na performance de Gabz

Leandro Lopes Soares²³

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN)

Cássia da Silva²⁴

Universidade Regional do Cariri (URCA)

Cícera Janaína Rodrigues Lima²⁵

Universidade Regional do Cariri (URCA)

Resumo

O presente texto discorre sobre uma performance artística feita pela cantora, atriz e slammer Gabz na final do *Slam Grito Filmes* em 2017. Sendo o slam uma prática artístico-literária que vem ganhando considerável destaque atualmente, este possibilita democraticamente que a escrita feminina seja ouvida e comentada e funciona como um espaço de divulgação da literatura afrofeminina. Diante disso, objetivamos discutir o poema-slam gabziano para entender o que ele nos diz sobre a condição da mulher, especificamente da mulher negra, ao longo do tempo até a atual conjuntura social brasileira. Para essa reflexão, autores como Santiago (2012); Pereira e Esposito, (2019); Neves (2017) estão entre os consultados. Destacamos, de forma sumária, que o texto discutido é construído por uma palavra-poesia feita por quem cansou de ser silenciada e cujo grito é a própria resistência. É essa resistência que tentamos captar aqui, dispersada nos versos poéticos de Gabz. Ouçamos o grito.

Palavras-chave

Literatura Afro-feminina. Resistência. Slam. Gabz.

²³ Mestre em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, PPGL/UERN e professor da área de Linguagens e Códigos da EEM Monsenhor Antônio Feitosa, CE. E-mail: leandrolls231@gmail.com.

²⁴ É doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Possui graduação em Letras; Especialização em Psicologia aplicada à Educação pela Universidade Regional do Cariri (URCA) e Mestrado em Letras pela UERN; é também professora de Literatura da Universidade Regional do Cariri - URCA/Campus Missão Velha e Superintendente Escolar da 19ª Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação (Crede 19 - Juazeiro do Norte - CE).

²⁵ Atualmente é professora da rede básica de ensino da cidade de Missão Velha - Ceará e professora da Universidade Regional do Cariri - URCA, campus Missão Velha. É mestra pelo programa de pós-graduação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus de Pau dos Ferros. Na linha 3 do programa de Pós-graduação em Ensino. Participa do Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto - GPET, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN.

Introdução

No século XXI a literatura se movimenta. Seja pelo deslocamento das escritoras e escritores, ou pelo alcance proporcionado pelo avanço da tecnologia, mais precisamente as mídias digitais, a produção literária chega cada vez mais a lugares antes não alcançados, às margens dos grandes centros urbanos, espaços onde o poder tem gênero, cor e classe social. O contrário também é possível e está acontecendo graças ao esforço de quem tem a arte como essencialidade para a vida e quem tem a literatura como espaço libertário onde é possível exercer o direito ao grito.

Entre eles, destacamos as poetisas negras que problematizam questões relacionadas ao campo social, expondo as diversas situações vivenciadas pelas minorias políticas brasileiras nas batalhas de poesia performática conhecidas como slam. Notável meio de circulação das produções da literatura afrofeminina nacional, essa prática artística vem ganhando visibilidade devido ao posicionamento crítico-denunciativo de seus praticantes, ao revelarem a monstruosa face da opressão em uma sociedade que tende a mascarar-la constantemente.

Sendo assim, delimitando o campo de análise do qual emergem nossas discussões, é na performance da cantora, atriz e slammer Gabz na final do *Slam Grito Filmes* em 2017, da qual foi vencedora, que encontramos os subsídios necessários para a escrita dessas linhas. Motivados pelo desejo de explorar as múltiplas possibilidades de abordagens da literatura performatizada nos slams, direcionamos nosso foco para o que a palavra-poesia de Gabz revela sobre a condição da mulher negra. Ao evocar acontecimentos históricos, denunciar crimes hediondos e enaltecer o poder e a força do sujeito feminino negro, a poesia slam da já mencionada poeta atua como uma importante arma de resistência contra o machismo, o racismo, entre outros “ismos” que circulam na sociedade.

Algumas considerações necessárias

A dominância sempre foi masculina. O patriarcado especificou os papéis sociais do homem e da mulher ao longo do tempo e deu superioridade (dominação) ao primeiro e inferioridade (submissão) à segunda. O surgimento das desigualdades de gênero se deu a partir dessa divisão simbólica que engloba todo um imaginário marcado

por total liberdade do homem para transitar nos espaços públicos e o enclausuramento da mulher no ambiente doméstico.

O cenário pintado no parágrafo anterior começou a sofrer modificações a partir do momento em que a mulher passou a refletir sobre sua condição subalterna em relação ao homem e se deu conta de que também era capaz de interagir nos mesmos meios que eles e em igual qualificação. O feminismo teve papel fundamental nessa descoberta de si enquanto sujeito capacitado para emancipar-se e quebrar os estereótipos atribuídos às mulheres, incentivando-as a buscarem sua liberdade.

No entanto, quando se trata do feminismo, é necessário abrir um parêntese para ressaltar uma lacuna nesse movimento ao priorizar apenas um grupo de mulheres, deixando outras de fora de suas lutas. É o caso das mulheres negras, a título de exemplo, que por muito tempo ficaram excluídas dos ideais feministas, tendo que criar seu próprio feminismo, um feminismo negro. Uma fala expressa por uma das colaboradoras na pesquisa de Rebeca Sobral Freire ilustra nosso pensamento quando, ao ser questionada sobre seu entendimento do que é o feminismo, em um trecho, Eliana Santos Nascimento afirma: “uma coisa que eu sempre ouço é que enquanto as mulheres brancas estavam queimando sutiã, as mulheres negras estavam incendiando fazendas” (FREIRE, 2018, p. 180).

Quando partimos para o campo literário, por muito tempo também dominado pelo poder androcêntrico, percebemos uma acentuada presença de escritoras brancas em relação às autoras negras. Isso fica nítido ao destacarmos, por exemplo, o alcance dos nomes de Clarice Lispector e Carolina Maria de Jesus, duas mulheres contemporâneas, mas que ocupam lugares diferentes no âmbito da literatura brasileira. Exaltando a qualidade da obra dessas duas mulheres, acreditamos que essa disparidade se dá por um posicionamento hediondo/criminoso que ainda insiste em diferenciar pessoas pela cor da pele (racismo), acompanhado de um outro, o machismo.

Todas as marcações destacadas até aqui motivaram uma necessária classificação dos vários tipos de literatura. Necessária porque se não fossem classificadas as obras dos autores que vivem nas margens, nos lugares periféricos do Brasil, não teriam como circular no cenário e alcançar seu público, bem como serem reconhecidos por elas. Por conta disso, temos a literatura de autoria feminina, a literatura indígena, a literatura popular, entre outras, além da literatura afro-brasileira e a recente classificação da literatura produzida por mulheres negras, conceituada como literatura afrofeminina.

No que tange à literatura afrofeminina, vários nomes podem ser citados como componentes dessa escrita construtora de todo um imaginário de lutas e resistência por parte das mulheres negras. Não podemos deixar de citar o da brasileira Maria Firmina dos Reis que, em 1859, deu o seu recado à sociedade da época ao expor publicamente sua obra/romance *Úrsula*, autêntica publicação que repercute ainda hoje, mas com o merecido reconhecimento negado a ela em tempos passados. Avançando no tempo, encontramos em Auta de Souza (1876-1901) e Carolina Maria de Jesus (1914-1977) outras exímias assinaturas dessa literatura feita por mulheres negras, composta por “elementos e segmentos de memórias ancestrais, de tradições e culturas africano-brasileiras, do passado histórico e de experiências vividas, positiva e negativamente, como mulheres negras” (SANTIAGO, 2012, p. 155).

Essa literatura vem ganhando espaço em arenas poéticas que se movimentam dos lugares periféricos brasileiros em direção aos grandes centros urbanos, agitando e transformando lugares através da poesia. São os eventos conhecidos como slam: “prática artística de entretenimento lúdico, no qual se envolvem o jogo e a atuação performática, ao mesmo tempo em que uma espécie de desabafo social, na medida em que temas atuais, ligados à exclusão social, são colocados em pauta por seus praticantes” (PEREIRA; ESPOSITO, 2019, p. 100). Com regras específicas²⁶, esses eventos abrem espaço para poetisas negras apresentarem suas poesias em batalhas cujo inimigo é toda e qualquer ideologia que forma, sustenta e faz girar as engrenagens do sistema opressor.

Constantemente, um novo nome surge entre as poetisas slammers, visto que esse movimento é bastante acolhedor e já existem grupos conhecidos que organizam campeonatos em várias regiões brasileiras. Entre os mais conhecidos estão o Slam das Minas, o Slam da Guilhermina e o Slam Grito Filmes, dos quais participam algumas mulheres dispostas a dar voz as suas iguais e se posicionar frente aos recursos opressores. É o momento de darmos destaque a algumas dessas gladiadoras como Mel Duarte, Roberta Estrela D’Alva (a responsável por trazer o slam ao Brasil), Luz Ribeiro, Tawane Theodoro e Gabz. É sobre a performance desta última que discorreremos a partir de agora.

Em apenas três minutos: o estrondoso grito do slam poético de Gabz

²⁶ Como regras básicas, destacam-se: “os poemas devem ser de autoria própria do poeta que vai apresentá-lo, deve ter no máximo três minutos e não devem ser utilizados figurinos, adereços, nem acompanhamento musical” (D’ALVA, 2014 *apud* NEVES, 2018, p. 99).

Gabz, nome artístico de Gabrielly Nunes, é uma atriz da nova geração que ficou conhecida nacionalmente por sua atuação na novela *teen Malhação: toda forma de amar* (2019-2020). Paralelo a isso, a jovem desenvolve trabalhos no campo musical e o mais recente foi o lançamento da música “Insegurança”. Em 2017, ela chegou à final do *Slam Grito Filmes* com uma performance cujo eco ainda ressoa até hoje por conta da força dos versos que entoou, cada um deles como um “soco no estômago” da sociedade, por resgatar fatos históricos, fazer uso de intertextualidades, tudo isso para afirmar e reafirmar inúmeras vezes a necessidade de se respeitar a mulher negra, além de incentivar a resistência, pois os desafios foram muitos e ainda são também agora.

Ninguém melhor do que o próprio sujeito feminino negro para expressar poeticamente seu sentimento sobre o que é ser uma mulher que diverge do tom de pele branco, considerado a cor mais adequada. Nessa pigmentação diferenciada estão as marcas de muitas feridas, cicatrizes de todo um passado de opressão, em que foram submetidas aos piores tipos de tratamento e violação. É na tentativa de explorar as outras possibilidades de entendimento do corpo dessa mulher, divergentes dos estereótipos fixados no imaginário das pessoas ao longo do tempo, que o eu lírico do poema de Gabz inicia seu grito convidando-nos à reflexão.

Se pelo menos eu soubesse
Meu verdadeiro sobrenome
Meu país, minha terra
Ah, se eu soubesse, já era
Se minha carne fosse vista diferente
Se seu olhar fosse mais inocente
Se eu não tivesse que ser forte
Nem dependesse da sorte
Se antes do diabo que me pintam por ser o que sou
Ou a deusa que cultivam pelo mesmo motivo
Eu fosse pessoa, pessoa antes de mulata²⁷.

É perceptível o teor crítico presente nos versos iniciais do slam gabziano. Ao se questionar sobre como seria se sua história fosse diferente da que realmente foi ela faz com que o leitor também pense como isso seria. Qual o seu verdadeiro sobrenome? Como é o seu país, sua terra? Respostas para essas perguntas podem ser formuladas quando lembramos o que a história nos deixou. Ela não sabe qual o seu verdadeiro sobrenome porque seus ancestrais foram separados/sequestrados de suas famílias violentamente e, conseqüentemente, de seu país, de sua terra para viverem como escravos em outra, com

²⁷ Poema disponível em www.google.com/amp/s/genius.com/amp/Grito-filmes-slam-grito-filmes-gabz-lyrics. (2017). Acesso em 12 set. 2020. O vídeo em que ele é performado está disponível em <https://m.youtube.com/watch?v=kZhPvruoeFw&t=40s>. Acesso em 12 set. 2020.

uma cultura diferente. Sendo assim, não há como saber como é realmente esta terra, Mãe África, a que criou todas as outras, já que seus filhos foram dispersados em lugares diferentes do globo.

Também nos faz lembrar no verso “Se minha carne fosse vista diferente” que “A carne mais barata do mercado é a carne negra”, conforme canta Elza Soares ao interpretar a música “A carne”. Sinaliza ainda para a objetificação dessa carne e o estereótipo ao qual é vinculada, sendo popularmente associada a um sujeito com grandes atributos sexuais. Como seria se essa carne fosse vista diferente? Nem diabo nem deusa, mas pessoa? Para isso é necessário um posicionamento forte o bastante para ir contra a corrente passada.

A sequência do slam vai progredindo e mostrando o caráter militante dessa rima através de um discurso construído por uma palavra-poesia cada vez mais ácida, como é típico desses poemas. Os versos seguintes trazem à tona uma perspectiva não muito discutida, praticamente esquecida, sobre a formação do povo brasileiro, que é miscigenado. A voz slammer se refere à violência sexual a qual eram submetidas as negras na época da colonização, entendendo a dor delas e mostrando outra possibilidade de reação diante desses abusos. Ouçamos as palavras de Gabz:

Se eu não tivesse que falar na lata
E se eu não tivesse que gritar
Ainda ia ter graça me ver sangrar?
E se eu quisesse me vingar?
Ou cês acha que nós não lembrava
Do estupro da escrava?
Que cês ainda comemoram a ação
Porque o resultado: a linda miscigenação (GABZ, 2017).

Encontramos em Frantz Fanon (1968) uma possível maneira de reverter esse quadro, que já é pensada também pela voz slammer gabziana. Nos versos transcritos, em um deles é feito um questionamento: “E se eu quisesse me vingar?”. Essa expressão ganha arrimo no estudioso martinicano, pois ele sugere um programa de descolonização em que o enfrentamento do estatuto de uma branquitude superior e hegemônica é organizado tendo como ação o revide da violência também com violência. Isso porque, para reverter este quadro opressivo, é inevitável o travamento de um “combate decisivo e mortal entre dois protagonistas [...] [lançando] na balança todos os meios, inclusive a violência, evidentemente” (FANON, 1968, p. 27, parêntese nosso).

No entanto, a vingança de Gabz é feita através da poesia, mas de uma poesia que precisa ser mais incisiva e ácida, por vezes até violenta e agressiva e sua

defesa/contra-ataque fere igualmente a uma arma, pois atinge a todos com uma perspectiva histórica desconsiderada por muitos: a miscigenação como consequência do estupro. A objetificação do corpo feminino negro tem aí suas origens, mas hoje ela vem sendo contrariada e isso sinaliza uma necessária e urgente mudança na maneira de enxergar e tratar o sujeito feminino negro. Isso ganha mais força ainda quando esse posicionamento já é posto em prática por mulheres cada vez mais jovens, como é o caso de Gabz. Nos versos de seu slam:

Porque o papo não faz curva, aqui o papo é reto
Cê vai se arrepender de me fazer de objeto
Eu não tô aqui pra fazer seu membro ficar ereto
Não se esqueça que aqui é muita treta
Se teu pau é Ku Klux Klan, minha buceta é Pantera Negra
É que eu não aguento mais, será que um dia tem paz?
Ou será sempre mais um jaz? (GABZ, 2017).

A poesia em análise evoca acontecimentos importantes para o entendimento da trajetória negra ao se referir a Ku Klux Klan, por exemplo. Para nós não é, mas qualquer direcionamento ideológico que compreenda as lutas dos grupos negros como “mimimi” cai por terra diante de todo o terror causado a eles por esse movimento social de extrema direita²⁸. Sendo assim, é cabível ressaltar o poder destrutivo dos ideais defendidos por indivíduos intolerantes a qualquer tipo de diferença.

A poesia slam não se preocupa em suavizar a realidade com o uso de termos mais delicados, por isso o pênis é pau, a vagina é buceta e com essa linguagem áspera o estupro é denunciado. Sendo assim, se o órgão sexual masculino (pau, na linguagem mais direta do slam) é comparado a Ku Klux Klan, a ideia de violação/destruição do corpo negro direcionada aos abusos sexuais cometidos no passado e na atualidade, o contra-ataque se dá justamente pela comparação do órgão sexual feminino ao partido político esquerdista dos Panteras Negras.

O Partido dos Panteras Negras foi fundado em 1966 e representa um grande marco na resistência negra. “Suas principais atividades eram o monitoramento da polícia, via obstrução e denúncia da violência dos órgãos de segurança, e a intimidação – física e através de boicotes e mobilizações públicas – de denunciados de racismo e infração aos

²⁸ Ao todo, a Ku Klux Klan teve três ciclos e em todos eles a população negra era o seu alvo de extermínio. No primeiro o foco recai sobre uma “tentativa de preservar o ‘status quo’ econômico, mantendo os negros escravizados e os nortistas afastados. No segundo ciclo, verifica-se o aumento da violência direcionada aos negros, passando a abranger os imigrantes, assim diversificando o seu ódio. Encerra-se por fim o terceiro ciclo, marcado pela violência extrema contra os negros e a todos que os apoiavam em suas lutas pelos direitos civis” (XAVIER et al, 2019, p. 134, grifos dos autores).

direitos civis” (CHAVES, 2015, p. 361). Em síntese, os Panteras Negras adotaram uma política de defesa em que o revidar na mesma moeda era o ideal de justiça. Tal posicionamento encontrou suporte em Frantz Fanon e suas ideias sobre a descolonização do negro. A propósito disso:

Os Panteras eram a mais literalmente “fanonista” dentre as organizações de base negra dos EUA, vinculação que foi pouco destacada pelos próprios autores. Isto significava uma aposta no programa de luta armada exposto em *Os condenados da terra* (1961), em que se apelava à violência como força libertadora pessoal e militar do domínio colonial (CHAVES, 2015, p. 362).

Diante disso, a fala de Gabz deixa claro que para todo e qualquer tipo de tratamento opressivo e criminoso para com a mulher negra, silenciada por muito tempo, agora há enfrentamento. Elas se cansaram: “É que eu já não aguento mais, será que um dia tem paz?”, e na busca dessa paz entoam um grito que começa a ser ouvido nos quatro cantos do Brasil por pessoas que abraçam sua causa e gritam também, não apenas reproduzindo esse discurso emancipatório e antirracista, mas incorporando-o ao seu dia a dia.

Uma das características mais marcantes da literatura afrofeminina é o caráter memorialístico dessa escrita que é acompanhada por outras vozes negras, portanto, polifônica. Mulheres que resistiram o quanto puderam para tentar mudar a realidade das que viriam. Estas, por sua vez, não esquecem de suas guerreiras antepassadas e as chamam para a arena do slam para canalizar suas energias em forma de memória e juntas repassarem a mensagem/recado: sejam resistência. Vejamos isso no poema:

No cais, sinto o horror do Valongo
Quilombo dor, é combo do meu horror
Mas você não me parou
Uns morto na matéria, mas vivo na memória
Eu canto aqui é pra lembrar essas história
Em meio ao caos nós vai encontrar a glória
Em meio a tanta luta nós vai chegar na vitória
É que eu tenho minha raiz, minha base pra ser feliz (GABZ, 2017).

Como podemos observar, o eu poético gabziano tem plena consciência do legado deixado pelos que vieram antes dela, legado esse marcado por sofrimento, dor e tentativas de silenciamento. No entanto, isso não parou o povo negro, muito menos as mulheres negras, que lembram disso e reforçam seu desejo de luta por dias melhores: “Uns morto na matéria, mas vivo na memória/ Eu canto aqui é pra lembrar essas história”. Sendo assim, a escrita de Gabz, bem como a literatura afrofeminina “desponta como uma ação transgressora, em que se anulam possíveis significados estigmatizantes e se

insinuam outras possibilidades de leituras de significantes, do construir-se mulher, do vivido e do porvir” (SANTIAGO, 2013, p. 156).

Os versos finais do poema/slam encerram essa importante fala sobre os desafios que circundam a vida da mulher negra brasileira. Assim como essa forma artística de literatura que sai das margens em direção aos centros, ocupando espaços e interferindo no cotidiano da cidade, a voz do poema também invade os espaços, pois parece que só assim seus direitos são conquistados. Ao fazer isso, ela ainda coloca em discussão uma linha de pensamento que permeia o senso comum e que considera a mulher como o sexo frágil enquanto o homem é o sexo forte. Vejamos o encerramento do poema:

Eu invado, eu não me encaixo
E você ainda se acha muito macho?
Mas nunca viu rastro de cobra, nem couro de lobisomem
Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come
O que eu passei na vida, cês não sabe como é
Pra viver na minha pele, neguin, tem que ser muito, mais muito mulher!
(GABZ, 2017).

Ao incorporar os versos da canção “Homem com H” (1981), bastante conhecida na voz do cantor Ney Matogrosso, à sua construção poética, o eu slâmico questiona essa ideia de fragilidade feminina e força masculina reiterando e alterando o tom de voz para dizer que a mulher não é, de forma alguma, frágil e quem acredita nesse discurso misógino e machista não sabe como é ser mulher e negra em um país onde o tom de pele branco é considerado superior ao tom negro. Por fim, ela diz que a mulher é forte sim e para viver na pele de uma mulher negra é necessário “ser muito, mais muito mulher”, deixando claro que mulher é sinônimo de força e resistência.

Considerações finais

As possibilidades de discussões que o slam de Gabz proporciona são vastas. Cientes disso, procuramos apresentar nossa leitura dessa performance literária contemporânea que vem se destacando como uma grande abertura para que a literatura afrofeminina se expresse. Na voz dessa jovem mulher negra tomamos consciência de um mundo que foi, durante muito tempo, organizado a favor do masculino e contra o feminino, mas que vem se transformando e caminhando, à custa de muita luta, deixemos

claro, para uma igualdade entre os gêneros, mesmo que isso ainda demore bastante para acontecer de fato.

Cada verso do poema gabziano impressiona a quem o lê ou ouve devido às palavras e aos assuntos que são trazidos à luz por meio dessa literatura tão engajada com a sociedade. É necessário que a sociedade escute essas vozes para que a mudança comece a acontecer e as minorias políticas venham de fato a ter seus direitos reconhecidos e garantidos. A literatura slam contribui para esse esclarecimento, já que toca no que grande parte do povo brasileiro não quer ouvir, invadindo, de fato, os espaços onde a branquitude domina.

Por fim, chamamos a atenção para algo que precisa ser considerado. O slam como manifestação artística de uma literatura mais engajada com as problemáticas sociais é uma arena bastante acolhedora de vozes femininas negras e de outros grupos minoritários. Sendo assim, devemos ter cuidado para que todas elas sejam escutadas para que o mesmo erro não seja cometido duas vezes. Um cânone foi formado na literatura brasileira e, para que isso acontecesse, muitas representantes da literatura de autoria feminina foram deixadas de fora. A situação é ainda mais agravante quando percebemos que as vozes femininas negras foram as mais excluídas. Se temos consciência dessa injusta canonização instituída na literatura brasileira, faz-se necessário que não deixemos que isso aconteça também na literatura afrofeminina. Temos Conceição Evaristo à frente e junto com ela muitas outras mulheres negras que escrevem e a todas elas devemos dar espaço para que suas escritas ganhem asas e voem para a liberdade.

Referências

CHAVES, Wanderson da Silva. O partido dos Panteras Negras. **Revista Topoi**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 30, p. 359-364, jan./jun., 2019.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1968.

FREIRE, Rebeca Sobral. **Hip-hop feminista?:** convenções de gênero e feminismos no Hip-hop soteropolitano. Salvador: EDUFBA/NEIM, 2018.

GABZ. Slam Grito Filmes. In: **Álbum Slam Grito Filmes**. Produzido por Grito Filmes. 2017. Disponível em www.google.com/amp/s/genius.com/amp/Grito-filmes-slam-grito-filmes-gabz-lyrics. (2017). Acesso em 12 set. 2020.

MATO GROSSO, Ney. Homem com H. In: MATO GROSSO, Ney. **Ney Matogrosso**. Produção Marco Mazzola. São Paulo: Ariola Discos. 1 LP. Faixa 5.

NEVES, Cynthia Agra de Brito. Slams – letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. **Linha D'água (Online)**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 92-112, 2017.

PEREIRA, Cilene Margarete. ESPOSITO, Domynique Roberta de Oliveira. Espaço feminino nas competições de poesias slam: discurso e resistência na performance de Gabz. **Crítica Cultural** – Critic, Palhoça, SC, v. 14, n. 1, p. 99-110, jan./jun. 2019.

SANTIAGO, Ana Rita. **Vozes literárias de escritoras negras**. Cruz das Almas, BA: UFRB, 2012.

XAVIER, Fernando de Barros Honda. COSTA, Pedro Gabriel de Souza e. BENEVIDES, William Rupp. et al. A construção do contexto histórico do movimento social Ku Klux Klan. **Caderno Humanidades em Perspectivas**, v. 5, n. 3, p. 125-135, 2019.

IN JUST THREE MINUTES: THE SLAM AND AFRO-FEMINIST LITERATURE IN GABZ'S PERFORMANCE

Abstract

This text discusses about an artistic performance made by the singer, actress and slammer Gabz at the final of *Slam Grito Filmes* in 2017. Since Slam is an artistic-literary practice that has been gaining notoriety nowadays, which democratically enables female writing to be heard and commented and, it works as a space for disseminate afro-feminist literature. Therefore, we aim to discuss the Gabziam poem-slam to understand what it tells us about the condition of woman, especially black woman over time until the present Brazilian social situation. For this reflection, authors like Santiago (2012); Pereira and Esposito (2019); Neves (2017) are between the consulted. We emphasize, briefly, that the text discussed is constructed by a word-poetry made by those who are tired of being silenced and whose the shout is resistance by itself. It is this resistance that we try to capture here, dispersed in Gabz's poetic verses. Let's hear the shout.

Keywords

Afro-Feminist Literature. Resistance. Slam. Gabz.

Recebido em: 28/07/2021

Aprovado em: 09/09/2021